

FENÓMENO BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR

2009

Seminário de Investigação

Cátia Virgínia da Cruz Eiras

Faculdade de Filosofia, Universidade Católica de Braga (Portugal)
2º ano de Mestrado de Psicologia Clínica

Contacto:

catiaeiras5@hotmail.com

RESUMO

No presente estudo, pretende-se discutir acerca da problemática do bullying no contexto escolar com base numa revisão bibliográfica. É analisada a evolução do estudo desta problemática que consiste em agressões praticadas por aluno (s) contra outro (s), de maneira repetida e intencional, sem motivação evidente, podendo-se traduzir em traumas profundas para as conseqüentes vítimas.

São revistas as suas taxas de prevalência que estão actualmente a tomar proporções cada vez mais preocupantes e nas nossas escolas, existem cada vez mais alunos a serem vitimizados e a sofrerem com os mais variados tipos de agressões.

Ao longo do trabalho são discutidas as variadas causas apontadas para este fenómeno, dando especial ênfase ao papel da família. Este acaba por ser um factor partilhado pelos inúmeros autores que se reflecte sobre a carência afectiva; ausência de limites; modo de afirmação de poder; e de autoridade dos pais sobre os filhos, por meio de «práticas educativas», que incluem essencialmente os maus – tratos físicos.

Todos os envolvidos na prática de bullying, acabam por sofrer com este, tanto os agressores, as vítimas como também as testemunhas, para além de todo o ambiente escolar. O convívio num ambiente de medo e ansiedade, acaba por gerar e incentivar nos alunos comportamentos delinquentes, violentos e de abuso de drogas.

Na segunda parte do trabalho apresentam-se medidas para enfrentar estas conseqüências que permitam fazer frente a este flagelo. Apresentam-se assim características gerais subjacentes às estratégias de prevenção e o exemplo de um programa. O Programa Educar para a Paz, tem-se vindo a tornar um modelo a seguir, devido aos excelentes resultados obtidos com este. Este programa para além de pretender a erradicação deste fenómeno, tem como objectivo disseminar a cultura de paz nas escolas.

Palavras-chave: bullying, prevalência, causas, consequências, prevenção, programa Educar para a Paz.

INTRODUÇÃO

A violência escolar, nas últimas décadas, adquiriu uma grande visibilidade em todas as sociedades, existindo actualmente, uma grande percepção de grande violência em todas as escolas. Deste tipo de violência, tem derivado um novo fenómeno, que tem vindo a preocupar a sociedade em geral, que se denomina de bullying. O bullying, compreende todas as atitudes agressivas, repetidas e intencionais, que ocorrem sem nenhuma motivação que seja evidente, por um ou mais alunos contra outro (s) (Neto, 2005). Este fenómeno, executado dentro de uma relação desigual de poder, acaba por desencadear angústia e sofrimento (Idem). Por este facto acaba por ser extremamente importante encontrarmos medidas para combater este flagelo, devido essencialmente às consequências que este acaba por causar nos elementos envolvidos (testemunhas, agressores e vítimas). Estes alunos acabam por conviver num meio escolar, com um grande nível de ansiedade, medo e agressividade, que lhes poderá afectar decisivamente o seu processo de desenvolvimento e de aprendizagem.

Assim, para melhor explorar este fenómeno, o presente trabalho estrutura-se em dois capítulos. No 1º capítulo, pretende-se elucidar questões relativas à evolução deste fenómeno (a sua história); o seu conceito; os elementos envolvidos nesta problemática; as causas inerentes a este fenómeno; a sua prevalência; bem como as suas consequências. Tenta-se demonstrar como este fenómeno existe em todas as sociedades; tendo as suas taxas de incidência vindo a agravar-se de forma alarmante.

Por ser extremamente relevante encontrarmos medidas para combater esta problemática, no 2º capítulo pretende-se reflectir sobre a importância da implementação de programas de intervenção que envolvam não apenas os elementos do meio escolar, mas também os pais dos alunos. Será apresentado desta forma, como sugestão, o Programa Educar para a Paz, pelo facto das suas estratégias terem-se demonstrado eficazes na redução do bullying escolar, resultando na consciencialização deste fenómeno e na melhoria das relações interpessoais entre os alunos.

Assim, pretende-se com o presente trabalho, estudar e reflectir sobre o bullying, uma vez que este fenómeno está a tomar proporções cada vez mais preocupantes. Sendo assim, de extrema relevância, que todos estejamos cientes das consequências e efeitos negativos destes comportamentos para o desenvolvimento e para a saúde mental dos envolvidos. Como futuros psicólogos, deveremos estar melhor preparados para intervir preventivamente nesta problemática.

I. Bullying

No presente capítulo pretende-se abordar e elucidar as questões relacionadas com o bullying: a sua definição conceptual, elementos envolvidos neste fenómeno, factores de risco, consequências, bem como a prevalência do mesmo.

1.1. O bullying: evolução do conceito

O termo Bullying vem da expressão em inglês to *bully*, que significa agressor, a pessoa que ataca; bullying com *ing* na sua terminação designa o acto do agressor, juntamente com todos os comportamentos usados por este contra outras pessoas (Santos, 2007). Em alguns países, existem outros termos para considerar este tipo de comportamento como *mobbing*, utilizado na Noruega e na Dinamarca ou *mobbning*, na Suécia e na Finlândia (Fante, 2005). Em Portugal, algumas traduções têm sido sugeridas, nomeadamente «implicar com as pessoas», «agressão em contexto escolar», «coacção», e «provocação»; no entanto como não existe na língua portuguesa uma tradução para a palavra inglesa bullying capaz de expressar todas as situações possíveis que o vocábulo designa optou-se por manter o termo original em inglês (Pereira, 2002 cit in Silva, 2006).

Até a algum tempo atrás (e ainda hoje, em alguns locais), estas atitudes agressivas e intencionais eram vistas apenas como sendo uma «fase da idade», «brincadeiras entre crianças», «coisas de jovem pelos quais todos passamos na vida» (Silva, 2006). No entanto a partir de determinada altura começa-se a perceber que estes comportamentos poderiam ser significativos e expressivos de um fenómeno específico (Santos, 2007). A gravidade desta situação começou a ser estudada na década de 70 por Dan Olweus, que foi o primeiro investigador a relacionar as atitudes agressivas com o termo bullying em questão (Idem). Ele começou a diferenciar as brincadeiras geralmente típicas durante a infância com os incidentes que estavam a ocorrer dentro das escolas nos anos 70 (Santos, 2007). Dan Olweus apercebeu-se de um alto índice de suicídios entre estudantes, que ele acabou por associar em princípio, devido a situações de bullying que se vivenciavam na escola (Silva, 2006). Acabou mesmo por desenvolver critérios que determinaram a existência das agressões entre estudantes (Santos, 2007). Olweus desenvolveu na Noruega um questionário, que foi aplicado aos alunos, além de entrevistas às famílias e avaliação entre pares, para se tentar aperceber do desenvolvimento do fenómeno (Pereira, 2002 cit in Santos, 2007). Durante a sua investigação Olweus, verificou, que 15% dos estudantes tinham estado envolvidos em agressões / vitimações (Pereira, 2002 cit in Silva, 2006). No decorrer desses estudos, desenvolveu ainda um programa de intervenção, com o objectivo de estimular outros países a preocuparem-se e a mobilizarem-se para enfrentar esta problemática, as suas causas e consequências (Santos, 2007).

A partir de então, a importância deste tema acabou por ser alargada para outros países: como Reino Unido, Espanha, França, Itália e Portugal, e outras partes do mundo (Silva, 2006). Isto também porque o bullying é um problema mundial, que pode ser encontrado em todas as

escolas, não se restringindo a nenhum tipo de instituição: primária ou secundária, pública ou privada, rural ou urbana (Colovini & Costa, s.d.). Alguns autores, afirmam mesmo que as escolas, que não admitem a ocorrência de bullying entre os seus alunos, ou desconhecem o problema ou negam-se a enfrentá-lo (Idem). Os comportamentos relacionados com este fenómeno são maioritariamente admitidos como naturais, sendo habitualmente ignorados ou não valorizados, tanto por professores e funcionários como pela própria família dos alunos envolvidos (Colovini & Costa, s.d.).

O bullying diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal de um aluno, através da agressão (Neto, 2005). Não se trata de um episódio esporádico, mas sim persistente à mesma vítima, que se prolonga ao longo do tempo (Lago, Massa & Piedra, 2006). Para além da repetição das agressões ao longo do tempo acaba por ser também encontrado na dinâmica do bullying um desequilíbrio de poder entre a vítima e o agressor. Isto porque, a (s) vítima (s) perante as agressões, tende a sentir-se incapaz de se defender (Smith, 1999 cit in Martins, 2005), devido ao facto de estar em desvantagem numérica, por ser mais nova, menos forte ou simplesmente ter menos auto-confiança, pela falta de assertividade e pouca flexibilidade psicológica perante o agressor ou agressores dos ataques (Fante, 2005). (Idem). A criança ou crianças agressivas, exploram esta oportunidade para infligir danos à vítima, obtendo desta forma, quer gratificação psicológica, quer estatuto no seu grupo de pares, ou, por vezes, obtendo ganhos financeiros, extorquindo dinheiro ou objectos aos outros (Smith & Morita 1999 cit in Martins, 2005).

Numa perspectiva mais abrangente, Cleo Fante (2005), focaliza-se também nos tipos, bem como alerta para as consequências que poderão advir desta problemática. Segundo esta autora, o bullying define-se como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, adoptado por um aluno ou grupo de alunos contra outro (s), ocorrendo sem motivação evidente, causando dor, angústia e sofrimento às vítima (s). Sucedem-se insultos, intimidações, apelidos maldosos, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, actuação de grupos que prejudicam, ridicularizam e infernizam a vida de alunos levando-os à exclusão; além de danos físicos, morais e materiais que podem advir destas agressões, estas são algumas das manifestações do comportamento deste fenómeno (Fante, 2005).

Alguns investigadores, consideram serem necessários no mínimo três ataques contra a mesma vítima durante o ano, para podermos classificar essas acções como bullying (Fante, 2005).

Devido a estas características, o bullying não se deixa confundir com outras formas de violência, essencialmente pela propriedade que tem, de poder causar «traumas» no psiquismo de suas vítimas e envolvidos.

Alguns autores, nomeadamente Lago, Massa e Piedra (2006) defendem que o bullying se pode manifestar através das seguintes formas: violência física (como agressões, empurrões, agressões com objectos); violência verbal (insultar, colocar alcunhas nos colegas, ridicularizar a pessoa publicamente); violência psicológica (através de acções dirigidas a deteriorar a auto –

estima da vítima, e fomentar a sua sensação de insegurança e receio); violência social (propagação de rumores humilhantes sobre a vítima, pretendendo desta forma o isolamento e a exclusão desta); violência indirecta (quando é feita a agressão a um terceiro); e por fim abusos sexuais.

Contudo, parece mais consensual uma divisão em dois tipos de acções de bullying: acções directas, que se dividem em: físicas (bater, chutar, roubar objectos, forçar comportamentos sexuais ou ameaçar fazê-lo) e verbais (apelidos, insultos, atitudes preconceituosas); bem como acções indirectas (relacionam-se com a divulgação de histórias desagradáveis, indecentes, ou com a ocorrência de pressões sobre esse indivíduo (s), para que a pessoa seja discriminada e excluída do seu grupo social) (Neto & Saavedra, 2003 cit in Botelho & Souza, 2007; Martins, 2005).

Considerando estes conhecimentos, seguidamente tentaremos conhecer melhor os elementos que participam neste fenómeno.

1.2. Classificação dos alunos envolvidos com o Bullying

Relativamente aos elementos que participam nesta problemática, existe um consenso geral no que diz respeito às vítimas, vítimas agressoras, agressores e testemunhas entre diversos autores, (ex. Botelho & Souza, 2007; Neto, 2005). No entanto Fante (2005) defende a existência de mais um elemento neste fenómeno que se designa como vítima provocadora.

De seguida iremos apresentar os 5 elementos referidos na literatura. Apesar de existirem diversos elementos, tem sido dada uma maior atenção às características das vítimas, agressores e testemunhas, como se apresenta de seguida.

Vítimas

Considera-se vítima, o (s) aluno (s) que é exposto de forma repetida e durante algum tempo, às acções negativas que ocorrem de forma continuada por um ou mais alunos (Neto, 2005). Podemos designar as acções negativas, como as situações em que alguém, de forma intencional causa malefícios ou incomoda outra pessoa (Idem).

Os indivíduos (ou grupos) que são vítimas geralmente pouco sociáveis, sofrem repetidamente as consequências dos comportamentos agressivos de outros, e não dispõe de recursos, estatuto ou habilidades para reagir ou fazer cessar essas condutas prejudiciais que recaem sobre si (Fante, 2005). Normalmente, apresentam insegurança e enormes dificuldades em fazer amizades (Botelho & Souza, 2007).

Algumas características físicas, comportamentais ou emocionais que apresentam podem acabar por torná-los mais vulneráveis às acções dos agressores e dificultar a aceitação dos seus colegas (Neto, 2005). De entre essas características as mais comumente tem sido: o aspecto físico diferenciado dos padrões impostos pelos seus colegas (ex: é magro ou gordo); medo

constante que o prejudiquem, que lhe façam mal de alguma forma; extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa auto-estima, alguma dificuldade de aprendizagem, ansiedade e frequentemente apresentam aspectos depressivos (Fante, 2005). No entanto, existem alguns autores, que acabam por dar ênfase, a outras características, nomeadamente: o facto das vítimas considerarem-se menos competentes que os seus companheiros, menos aceites socialmente; e com menores competências sociais e de comunicação (Barreto, Bernalte, Gala, Gómez, Lupiani & Miret, 2007; Damke & Santos, 2007). Estas características poderão suscitar a atenção do agressor, que percebe a vítima como um alvo fácil para os seus abusos.

Para além disso, são crianças mais passivas, retraídas, infelizes, e sofrem com a vergonha, medo e ansiedade (Neto, 2005). A baixa auto-estima acaba por ser agravada por intervenções críticas que por vezes são sujeitos, ou pela indiferença dos adultos sobre o sofrimento que estão a ultrapassar (Botelho & Souza, 2007), podendo mesmo acreditar que são merecedores dos maus-tratos que estão a sofrer (Neto, 2005).

Podem sofrer este tipo de maltrato durante muito tempo, sem ninguém se apercebera do que se está a passar, e normalmente mantêm-se em silêncio, essencialmente por vergonha do que os outros possam pensar ou pelo medo que sentem do agressor (Almeida & Paias, s.d.). Desta forma a vítima vai ficando cada vez mais excluída socialmente (essencialmente entre os seus pares) e por este facto os ataques dos autores podem aumentar cada vez mais. Habitualmente, os pais e os professores só se apercebem que se está a passar algo grave com o aluno, quando observam os efeitos que resultaram desta pressão; que normalmente se manifestam sob a forma de variadas consequências como baixo rendimento escolar, fobia à escola, doenças psicossomáticas e depressão (Almeida & Paias, s.d.). Mas relativamente às consequências desta problemática, estas serão abordadas mais aprofundadamente, num tópico que será posteriormente abordado no trabalho.

Vítimas agressoras

São vítimas que reproduzem os maus-tratos sofridos (agridem e são vitimizadas) (Seixas, 2005). Habitualmente, esses alunos, que passaram/passam por situações de sofrimento na escola (como vítimas), tendem a procurar indivíduos mais vulneráveis que eles para transferirem as agressões sofridas, para esses mesmos indivíduos (Fante, 2005).

Podem ser alunos depressivos, inseguros e desapropriados, procurando humilhar os colegas para encobrirem as suas próprias limitações (Neto, 2005).

Diferenciam-se dos agressores, por serem impopulares e pelo alto índice de rejeição que recebem por parte dos seus colegas e, por vezes, pela turma toda (Idem). Esta tendência (vítimas agressoras), tem vindo a ser evidenciada cada vez mais actualmente, fazendo com que o bullying se transforme numa dinâmica expansiva, cujos resultados incidem no aumento de número de vítimas (Fante, 2005).

Vítimas provocadoras

São crianças que provocam os outros e atraem dessa forma reacções agressivas com as quais não sabem lidar eficazmente (Fante, 2005). As vítimas provocadoras tentam responder quando são atacadas, ou insultadas, mas geralmente de maneira ineficaz. Habitualmente são crianças hiperactivas, inquietas, agressoras; e de modo geral são imaturas, provocadoras. Normalmente são responsáveis por causarem tensões, mal-estar no ambiente em que se encontram (Fante, 2005).

Testemunhas

São alunos, que não se envolvem directamente no bullying (não sofrem nem praticam bullying), no entanto acabam por conviver num ambiente escolar onde isso ocorre (Botelho & Souza, 2007).

Estes alunos, acabam por conviver com a violência, e geralmente mantêm-se em silêncio, pois têm receio de se tornarem a «próxima vítima» do agressor, por não saberem como actuar e por não acreditarem na própria atitude da escola (Neto, 2005).

Mesmo não sofrendo directamente, muitos deles podem-se sentir inseguros e incomodados (Fante, 2005). Grande parte das testemunhas, sente simpatia pelas vítimas, condena o comportamento do agressor, percebendo que os alvos não são culpados por aquilo que lhe está a acontecer e desejam que os professores intervenham mais efectivamente nestas situações (Neto, 2005). Muitas vezes acabam por sentir um grande sofrimento, pelo simples facto, de não poderem fazer nada para acabar com o sofrimento dos colegas (Barreto et al., 2007). No entanto, muitas testemunhas acabam por acreditar que o uso de comportamentos agressivos contra os colegas acaba por ser o melhor caminho para alcançarem a popularidade e o poder, acabando por isso, por se tornarem agressores de bullying. Este facto ocorre essencialmente, por recearem ser relacionados com a vítima podendo perder o seu estatuto e tornar-se vítimas também; acabando muitas vezes por aderirem a este tipo de violência por pressão dos colegas (Idem).

Quando a testemunha tenta interferir nestes casos e cessar os episódios de bullying, essas acções são concretizadas na maioria dos casos (Neto, 2005). Acaba por ser assim, de extrema importância o incentivo do uso desse poder, por parte das testemunhas fazendo com que os agressores se sintam sem o apoio social necessário para continuarem a agredirem outros colegas (Idem).

Agressores

O agressor ou agressores (também chamado de bully), são alunos que tentam vitimizar os seus colegas, aparentemente mais fracos (Fante, 2005). Tratam-se de indivíduos de ambos os sexos que costumam manifestar pouca empatia pelos outros (Lago, Massa & Piedra, 2006).

O grande objectivo de um agressor acaba por ser manter-se como «personagem dominante» e agressiva, pois desta forma ficam convencidos que são mais bem aceites, se se mostrarem mais fortes ou se demonstrarem o seu poder aos outros (Lago, Massa & Piedra, 2006). Estes alunos (agressores), possuem uma grande falta de auto-domínio, o que faz com que a sua raiva e agressividade, muitas vezes saia dos limites, e ele a arremeta contra aqueles que já verificou não se conseguirem defender (Rodriguez, 2007). Se uma criança tiver algum pormenor que chame a atenção dos seus colegas (ter orelhas grandes, usar óculos, ...), isso não significa que seja a escolhida pelo bully. Pelo contrário, por vezes passam despercebidas aos olhos dos agressores, sobretudo quando se trata de um jovem que se saiba defender (Rodriguez, 2007).

Este tende a demonstrar agressividade inclusive com os próprios adultos (Neto, 2005) bem como demasiada impulsividade (Damke & Santos, 2007). Habitualmente encara a sua própria agressividade como uma qualidade e apresenta opiniões positivas sobre si próprio (Neto, 2005).

O agressor tende a ser geralmente popular e a envolver-se numa grande variedade de comportamentos anti – sociais (Neto, 2005). Este habitualmente demonstra-se como uma pessoa que se irrita facilmente, tem baixa resistência às frustrações, custa-lhe adaptar-se às normas, e não aceita ser contrariado (Fante, 2005).

Para um bully, a fraqueza, é um risco que não estará disposto a assumir, e entre os mecanismos que recorrerá para a ocultar, estão as seguintes atitudes: minimizar os actos violentos, acusar a vítima (Almeida & Paias, s.d.), apresentar raciocínios que o desculpabilizem, invocar os seus direitos e apresentar-se como vítima em vez de perseguidor (Rodriguez, 2007).

Por minimizar os actos violentos entende-se que o agressor em circunstância alguma, mostrará os factos tal como estes sucederam; e não hesitará em acusar a vítima, pois para um bully a vítima é que foi culpada pelos abusos a que foi sujeita (Almeida & Paias, s.d.).

O bully geralmente apresentará raciocínios que o desculpabilize, o mais habitual é que tende a negar as evidências com desculpas, justificações ou mais mentiras, com o fim de convencer os outros e a si mesmo, de que não fez nada pelo qual deva ser repreendido (Rodriguez, 2007).

Invocar os seus direitos designa-se pela utilização de qualquer argumento para o agressor salvar a sua imagem (Idem).

Apresentar-se como vítima em vez de agressor, poderá ser uma estratégia que o agressor utilize variadas vezes, pois é muito frequente ouvir um agressor dizer que não maltrata ninguém, que apenas se defende, mostrando deste modo que ele é que tem sido ameaçado. Por outro lado poderá reagir com mais violência ao ser repreendido, podendo reagir de modo descontrolado no sentido de impressionar (o bully é capaz de tudo por um pouco de popularidade) (Rodriguez, 2007).

Uma das características mais importantes dos bullies acaba por ser uma grande discrepância entre a imagem que exibem e as tendências e necessidades que se encontram por baixo dessa imagem (Fante, 2005). Esta espécie de simulação permanente, não passa de defesa contra o sofrimento que geralmente vivem (Rodriguez, 2007). Isso deve-se ao facto, de muitas vezes, eles próprios serem/terem sido vítimas de maus – tratos, perpetuando os seus comportamentos negativos e mantendo a convicção de que prejudicar os outros, é a única maneira de evitarem um pouco de sofrimento (Fante, 2005). Mas este assunto (causas do bullying) irá ser abordado mais profundamente, no tópico que seguidamente será apresentado.

1.3. Factores de risco associados ao Bullying

A revisão da literatura permite perceber a existência de inúmeros factores internos como externos à escola, que constituem um maior risco para a manifestação do bullying (Neto, 2005). A escola faz parte integrante destes factores, nomeadamente o clima escolar, as relações interpessoais que decorrem dentro do ambiente educativo e a relação professor-aluno, que seguidamente serão abordados.

Existe um consenso, entre os diversos autores, relativamente à importância do envolvimento da família (ex. Fante, 2005; Neto, 2005). O modelo educativo familiar, poderá constituir um factor de risco para o comportamento agressivo ou violento na criança (Fante, 2005).

Algumas práticas têm sido associadas à emergência do bullying, nomeadamente, a forma de convivência que predomina na família: maneira como o aluno foi ensinado a obter prazer e satisfação dos seus desejos, pela forma como os seus «defeitos» ou «incompetências» foram apontados pela sua família (Botelho & Souza, 2007), maus-tratos que muitas vezes sofriam e sofrem dos pais, existência de métodos educativos ambíguos na família (Freire, Simão & Ferreira, 2007) e ausência em muitas famílias de um dos progenitores/ ausência de um bom entendimento afectivo entre o casal e seus filhos (Botelho & Souza, 2007). O facto dos pais terem cada vez menos tempo para estarem com os filhos (Fante, 2005) também poderá estar associado à emergência do bullying.

A maneira como o aluno foi ensinado a obter prazer e satisfação dos seus desejos, bem como pela forma como os seus «defeitos» ou «incompetências» foram apontados pela sua família, frequentemente por meio de comparações maldosas, poderá levar as crianças a tomarem as mesmas atitudes por parte dos seus colegas (Botelho & Souza, 2007).

Os maus-tratos que muitas vezes sofriam e sofrem dos pais (castigos físicos, por ex.) poderá levar a criança a aprender a resolver os seus conflitos através de diversas formas de violência para com os seus pares, (visto também não conhecer outra forma de resolver os seus problemas, porque foi o único modelo que lhe foi ensinado no seu ambiente familiar). Aprende desta forma, que o poder será exercido pelo mais forte, sem haver negociação e diálogo (agressores), ou acaba por não aprender a desenvolver habilidades de defesa, assumindo postura

frágil e submissa (podendo desta forma se tornar um alvo fácil para os agressores) (Neto & Saavedra, 2003 cit in Botelho & Souza, 2007).

A existência de métodos educativos ambíguos na família (práticas educativas excessivamente inconscientes e punitivas por parte dos pais) poderá levar as crianças a serem extremamente agressivas dentro e fora do ambiente escolar (Ferreira, Freire & Simão, 2006).

A ausência em muitas famílias de um dos progenitores/ausência de um bom entendimento afectivo entre o casal e seus filhos, essencialmente falta de segurança e carinho, poderá ser uma das causas para a falta de empatia das crianças por parte dos seus colegas (Botelho & Souza, 2007).

O facto, de cada vez mais, na sociedade em que vivemos, os pais terem cada vez menos tempo para estarem com os filhos, devido essencialmente ao trabalho, e o pouco tempo que lhes resta não ser destinado ao suprimento das necessidades de seus familiares, poderá ser um dos factores para que os agressores tenham aquela necessidade de protagonismo, que todas as atenções estejam centradas neles já que essa atenção que gostariam de ter não é ministrada pela sua própria família (Fante, 2005).

Na maioria dos casos, as crianças que têm necessidade de expressar a sua raiva (agressores) nos outros, estiveram ou estão sujeitas a maus – tratos de algum tipo, em algum momento da sua vida ou mesmo em casa (Rodriguez, 2007). O agressor sente a necessidade de reproduzir contra outros, os maus – tratos sofridos em casa, como forma de exercer autoridade, e desta forma «chamar a atenção»; ou por ser a única maneira que lhe foi ensinada para lidar com as inseguranças pessoais sentidas pelo grupo de pares, procurando desta forma, reconhecimento, auto – afirmação e satisfação pessoal (Fante, 2005). Podemos sintetizar desta forma, que a maior parte das crianças maltratadas converte-se em crianças problemáticas na escola (Idem).

Embora não existam muitos estudos, sobre os métodos educativos familiares que incitem ao desenvolvimento de alvos (vítimas) de bullying, alguns autores defendem que existem alguns factores que são identificados como facilitadores: protecção excessiva, gerando desta forma dificuldades para enfrentarem os desafios e para se defenderem; tratamento infantilizado, causando desenvolvimento psíquico e emocional que fica aquém do que é aceite pelo grupo de pares; e o papel de «bode expiatório» da família, sofrendo críticas frequentes e sendo considerado responsável pelas variadas frustrações dos pais (Neto, 2005).

No entanto, para além do factor familiar, foram mencionados pelos autores, outros factores de risco externos à escola, que podem ser responsáveis pelo comportamento agressivo nos alunos. Os factores citados, foram os seguintes: o contexto social em que vivemos (Rodriguez, 2007), os meios de comunicação, e como factores internos à escola foram enunciados: o clima escolar (Rodriguez, 2007), as relações interpessoais dentro do ambiente educativo (Silva, 2006) e a relação professor – aluno (Fante, 2005).

Pelo contexto social em que vivemos percebe-se, que através dos problemas que vivemos na actualidade como a pobreza e o desemprego responsáveis pela desigualdade social, estes

acabam por favorecer um ambiente de agressividade, delinquência e atitudes anti-sociais, mesmo entre as próprias crianças para com os seus pares (Rodriguez, 2007).

Os meios de comunicação, especialmente o meio televisivo, poderão contribuir para um aumento de agressividade, principalmente nas crianças (Fante, 2005). Alguns autores defendem, que a televisão acaba por interferir prejudicialmente no comportamento das crianças e adolescentes (Levisky & Soifer, s.d. cit in Fante, 2005). Essencialmente pelo facto de neste meio serem veiculadas ideias agressivas e destrutivas, por ex. através dos filmes (Fante, 2005). As crianças desta forma, acabam por ver na agressividade e na violência, estratégias de resolução de problemas, desconsiderando o diálogo como recurso eficaz (Fante, 2005), favorecendo desta forma as atitudes agressivas, que são empregadas pelos agressores contra os seus colegas neste tipo de comportamento (bullying).

O clima escolar designa-se como algo, que pode desenvolver nos alunos sentimentos que podem ir desde à apatia até à explosão de agressividade e violência (Rodriguez, 2007). O comportamento e as expectativas dos alunos para com a escola, vêm manifestando cada vez mais desinteresse nos alunos, resultado possivelmente da situação social em que vivemos (Idem). Segundo um autor, a falta de perspectiva que os alunos vivem relativamente ao seu futuro, poderá incidir em respostas violentas como reacção a um estado frustrante e insuportável pelo qual vivem (Levisky, s.d. cit in Fante, 2005).

Quando as relações não são adequadas dentro do contexto educativo, a escola pode transformar-se numa fonte de stress e inadaptação para com os alunos, resultando em conflitos interpessoais e em variadas formas de violência (Idem). O que poderá levar os alunos, a praticarem os actos agressivos, é o facto, de ser a melhor forma de fazer com que os outros, não os agridam, ou seja, não sejam eles próprios vítimas de bullying no meio escolar (Silva, 2006).

A relação professor–aluno poderá ser estabelecida por inúmeros factores desagradáveis, que acabam por influenciar o estabelecimento de um clima agradável na sala de aula (Fante, 2005). O desrespeito, a discriminação, a imposição da autoridade através de ameaças, intimidações, agressões verbais, são estratégias bastantes comuns por parte de professores, que poderão acabar por prejudicar decisivamente um bom desenvolvimento de relações interpessoais entre as crianças (Idem) incitando desta forma à agressividade e à violência entre os próprios alunos.

Para além destes factores, foi dado ênfase a um outro factor por alguns autores, que diz respeito às características próprias do indivíduo, como impulsividade, dificuldades de atenção, hiperactividade (Damke & Santos, 2007), distúrbios comportamentais, baixa inteligência e desempenho escolar insuficiente (Neto, 2005).

1.4. Principais consequências desta problemática

As consequências dos comportamentos de bullying afectam todos os elementos envolvidos (agressores, vítimas, bem como as testemunhas) (Fante, 2005). Esta é uma percepção (ex. Neto, 2005; Rodriguez, 2007) consensual entre os autores (ex. Neto, 2005; Rodriguez, 2007), embora

alguns deiam mais atenção às consequências que advêm para os agressores, bem como para as vítimas (ex. Fante, 2005; Pereira, 2006 cit in Nascimento & Neto, 2006).

Agressores, vítimas e testemunhas poderão enfrentar consequências físicas e emocionais a longo prazo, podendo causar dificuldades académicas, sociais, emocionais, legais, baixa auto-estima, e em casos mais extremos poderá levar ao suicídio (Neto, 2005). A superação dos traumas causados por esta problemática, poderá ou não ocorrer, dependendo das características individuais de cada vítima (capacidade de se relacionar consigo mesmo, com o meio social, e, sobretudo com a sua família) (Fante, 2005).

As consequências para as vítimas deste fenómeno poderão ser graves e abrangentes, podendo levar ao desinteresse pela escola, dificuldades de concentração e aprendizagem, devido essencialmente à falta de motivação, baixo rendimento escolar, e o absentismo (Fante, s.d.). Estas crianças acabam por ser rejeitadas pelos seus pares, ficando desta forma isoladas, sem amigos, ficando mais sujeitos à rejeição e à agressão social (Pereira, 2006 cit in Nascimento & Neto, 2006).

No âmbito da saúde física e emocional, tendem a exibir um auto-conceito desfavorável, baixa auto-estima, capacidade mínima de auto-aceitação, depressão e ansiedade, bem como abuso de substâncias (Botelho & Souza, 2007). Irritabilidade, hiperactividade, impulsividade, agressividade, pânico, insónias; também podem ser sintomas que acabam por ser desencadeados na vítima (Damke & Santos, s.d.). Estas crianças podem também manifestar, uma grande tensão nervosa, com sintomas de natureza psicossomática: gastralgias, cefaleias, pesadelos, fobias (Idem), taquicardia e dor gástrica (Fante, 2005).

Em casos de extrema depressão, muitas vítimas acabam por tentar ou cometer suicídio, ou homicídios em decorrência da raiva que o bullying acaba por gerar (Colivini & Costa, s.d.). Atribui-se ainda às vítimas de bullying grande parte dos massacres realizados actualmente em diversas escolas (Idem). Na maioria dos estudos apresenta-se a existência de uma relação significativa entre a vitimização e um enorme desejo de morrer (Atienza et al., s. d. cit in Lago, Massa & Piedra, 2006).

Devido às agressões e consequentes traumas sofridos, podem ainda ter recordações frequentes desses acontecimentos, essencialmente transmitidos através de pesadelos em que se repete parte ou totalidade dos acontecimentos traumáticos, a criança pode sentir-se ou comportar-se como se essas experiências estivessem a repetirem-se novamente no presente (Rodriguez, 2007). Acaba por haver desta forma, o risco da criança desenvolver o Síndrome de Stress Pós-Traumático, mas tudo vai depender dos traumas que a vítima acabou por sofrer (Idem).

Grande parte destas crianças, habitualmente, costuma ter problemas de adaptação na vida adulta, devido aos traumas sofridos na infância (Rodriguez, 2007). Poderão tornar-se adultos com extremas dificuldades de relacionamento, desenvolverem comportamentos agressivos ou depressivos, e sofrerem ou praticarem bullying no seu local de trabalho (Silva, 2006). Problemas em desenvolver relações de confiança podem advir, sentirem-se inseguros quando interagem com outros adultos, suas expectativas em relação a si próprios e os outros normalmente encontram-se

abaixo da média, e podem manifestar também problemas a nível de relações íntimas na vida adulta e baixa auto-estima (Gilmartin, 1987 cit in Silva, 2006).

Em diversos estudos, tem-se manifestado uma associação de antecedentes de maus-tratos durante a infância (essencialmente violência física e psicológica) e presença de perturbações psicopatológicas na fase adulta, nomeadamente taxas relativamente mais elevadas de estados de ansiedade, abuso ou dependência de álcool e comportamentos anti-sociais (Lago, Massa & Piedra, 2006).

A investigação tem mostrado que os agressores, tendem a enfrentar: falta de adaptação aos objectivos escolares, absentismo escolar e supervalorização da violência como forma de obtenção de poder (Rebelo, s.d.).

Através de vários estudos tem-se chegado à conclusão que os jovens que são agressivos com os seus pares, correm um maior risco de se envolverem futuramente em outros problemas de comportamento, tais como a criminalidade, o abuso de substâncias aditivas, o comportamento agressivo na família (violência doméstica), bem como no ambiente de trabalho (Ferreira, Freire & Simão, 2006). Na idade adulta, estes jovens poderão também estar mais predispostos à instabilidade no trabalho, e a relacionamentos afectivos pouco duradouros (Neto, 2005). Podemos mencionar então que os comportamentos desviantes ou perturbações de conduta vão permanecer e agravar-se ao longo do tempo (Pereira, 2006 cit in Nascimento & Neto, 2006).

Quanto às testemunhas, estas também acabam por ser afectadas por esta problemática, podendo tornar-se ansiosas, impotentes (Rodriguez, 2007) e inseguras (Rebelo, s.d.). Estes alunos podem tornar-se mais inseguros, devido ao receio de se virem a tornar as próximas vítimas, e essa insegurança pode acabar por influenciar negativamente a sua capacidade de progressão académica e social (Colovini & Costa, s.d.). Medo, stress, podem também estar inerentes às consequências que estes alunos poderão vir a sofrer (Fante, s.d.).

1.5. Prevalência do bullying

A violência escolar (nomeadamente o bullying), está cada vez mais presente na nossa actualidade. Devido a este facto, há cada vez mais investigações a serem realizadas para se tentar estudar a prevalência desta problemática. Trata-se de um problema mundial, que é encontrado em todas as escolas, e tem atingido faixas etárias cada vez mais baixas, nomeadamente crianças dos primeiros anos de escolaridade (Rebelo, s.d.).

Segundo vários estudos (realizados em Portugal), tem-se chegado à conclusão que em todo o mundo, 5% a 35% dos alunos estão envolvidos no fenómeno (Carvalhosa, s.d.). O envolvimento no bullying (quer como vítima, quer como agressor), parece afectar entre 15% a 33% dos alunos que frequentam o ensino (Martins, 2005). Segundo um estudo realizado em Portugal, 1 em cada 5 alunos portugueses (22%), de 6 a 16 anos, já foi vítima de bullying (Chedid & Nogueira, 2003 cit in Rebelo, s.d.). Relativamente à idade, percebe-se que 57,5% dos alunos entre os 11 e os 16 anos estão envolvidos em comportamentos provocatórios (Matos, s.d.).

cit in Almeida & Paias, s.d.); parecendo haver uma taxa mais elevada destes comportamentos por volta dos 7 aos 12 anos, até ao 6º ano de escolaridade (Pereira, 2006 cit in Nascimento & Neto, 2006). No entanto, existe um autor, que discorda com o facto, e afirma que este fenómeno ocorre de forma mais visível, por volta dos 13 anos, embora os mais novos (por volta dos 11 anos) se envolvam mais, enquanto vítimas (Carvalhosa, s.d.). Segundo algumas investigações, a frequência desta problemática, diminui com o aumento dos anos de escolaridade (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001).

Agressores

Na revisão da literatura, tem-se associado os agressores a jovens do género masculino, mais velhos (Freire, 2001 cit in Ferreira, Freire & Simão, 2006). Existe uma maior predominância dos agressores de bullying no 9º ano, e no que diz respeito à idade, habitualmente situam-se entre os 13 e os 16 anos (Ferreira, Freire & Simão, 2006). Acaba por haver uma tendência para as alunas estarem mais envolvidas em situações de agressão indirecta, quer como agressoras, quer como vítimas (Idem). As alunas envolvem-se especialmente em situações de bullying indirecto e de agressão verbal; enquanto que os alunos envolvem-se geralmente em situações de agressão física (Ferreira, Freire & Simão, 2006).

Os agressores distinguem-se das vítimas no que diz respeito: às melhores relações que apresentam com os pares, um maior consumo de droga, tabaco e álcool, exibem predominantemente maiores comportamentos de violência fora da escola, geralmente praticam muito exercício físico, têm melhor imagem corporal e apresentam mais atitudes negativas face à escola, relativamente às vítimas (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001).

As melhores relações que apresentam com os pares percebe-se devido ao facto de apresentarem uma melhor interacção com os seus colegas (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001), não apresentando as vítimas uma interacção tão boa com os seus pares, como estes.

Um maior consumo de droga, tabaco e álcool são vistos como frequentes nos agressores (e não tanto nas vítimas), e geralmente acabam por levar à provocação (Idem). Apesar destas indicações, Martins sugere que os agressores parecem sentir-se mal na escola, embora não tanto como as vítimas (Martins, 2005).

Estes alunos habitualmente apresentam mais sintomas de depressão, sintomas físicos e psicológicos, bem como menores expectativas de futuro, relativamente às testemunhas (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001).

Alguns estudos, apontam ainda no sentido de uma diminuição da agressão física à medida que se avança no nível de escolaridade (diminuição de forma significativa no 7º, 9º e 11º ano de escolaridade), sendo essa diminuição menos evidente no que respeita à agressão indirecta ou exclusão social, que apresenta ser mais estável, só demonstrando uma ligeira tendência para diminuir do 7º ano para o 11ºano (Martins, 2005). A diminuição da agressão física no 11º ano

poderá relacionar-se com o abandono escolar, que é frequente nos agressores de tipo físico (Idem).

Os alunos mais novos (1º e 2º ciclos do ensino básico), tendem a demonstrar mais agressão física e directa enquanto que os alunos mais velhos (3º ciclo e ensino secundário), exibem mais agressões de carácter indirecto, havendo uma diminuição da agressão directa (Ferreira, Freire & Simão, 2006; Martins, 2005).

Um outro factor importante parece ser a ocorrência de reprovações. Quantos mais anos de reprovações uma criança tiver, maior será a probabilidade de esta vir a ser agressora (Pereira, 2006 cit in Nascimento & Neto, 2006).

Vítimas

Se, como já foi demonstrado, é o sexo masculino que geralmente predomina nos agressores, também acaba por prevalecer no caso das vítimas (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001). No entanto, há alguns autores que apresentam resultados diversos, e defendem que são as raparigas que se envolvem mais em comportamentos de vitimação (Freire, Simão & Ferreira, 2006). Segundo estudos que foram realizados, as situações de vitimação que parecem ser mais frequentes são as associadas à exclusão social e à agressão verbal (Martins, 2005).

Os factores que estão mais associados à vitimação são o género e a classe social, demonstrando-se que os rapazes são mais vítimas que as raparigas, como já foi demonstrado anteriormente, enquanto que na classe social as crianças mais sujeitas à vitimação são as de classes sociais extremas, tanto as de extracto mais elevado como mais baixo (a mais elevada e a mais baixa) (Pereira, 2006 cit in Nascimento & Neto, 2006).

Através de vários estudos que têm sido efectuados, tem-se verificado que as vítimas são as que pior se sentem com os colegas da turma, com os amigos e com a escola em geral (relativamente aos outros elementos que participam no fenómeno); e geralmente sentem-se mal consigo mesmo (Martins, 2005). Este dado acaba por ser coerente com resultados que se têm chegado em diversos estudos, que demonstram que as vítimas apresentam uma baixa auto-estima (Idem). Ainda se pode verificar que as vítimas frequentemente: têm mais sintomas de depressão e maiores queixas de sintomas físicos e psicológicos do que outros elementos participantes neste fenómeno (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001). Estas manifestam piores relações com os pais, relativamente às testemunhas e apresentam baixas expectativas em relação ao futuro (Idem). Manifestam um baixo consumo de drogas (são os que menos consomem tabaco e álcool) no entanto praticam bastante exercício físico e têm uma boa imagem corporal de si próprios. Geralmente são o grupo de alunos mais novos e têm menos escolaridade que os agressores (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001). Os alunos mais novos, são mais frequentemente vítimas, e a frequência de serem ameaçados diminui à medida que a idade vai aumentando (Idem).

Habitualmente, as alunas vítimas são maltratadas por colegas de ambos os sexos, enquanto que é mais raro, os rapazes serem maltratados por alunas. Geralmente, as vítimas sofrem agressões por alunos mais velhos (Freire, 2001 cit in Ferreira, Freire & Simão, 2006).

Vítimas agressoras

Nas vítimas – agressoras, também se encontra uma percentagem superior de alunos do sexo masculino (Seixas, 2005). Este dado acaba por sugerir, que a maioria dos alunos que não se envolve em duplo envolvimento, são do sexo feminino (Idem). Mediante estudos que têm sido realizados, existe uma grande probabilidade, de muitos jovens serem simultaneamente vítimas e agressores (Martins, 2005).

O grupo das vítimas – agressoras relativamente aos agressores: apresenta mais comportamentos de violência fora da escola; piores relações com os pares; mais sintomas de depressão e de queixas de sintomas físicos e psicológicos; têm um menor consumo de tabaco, álcool, e drogas; geralmente são alunos mais novos; e estão em anos de escolaridade mais baixos (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001). Em relação às testemunhas, estas (vítimas – agressivas), apresentam piores relações com os pais e um nível sócio – económico mais baixo; relativamente às vítimas e às testemunhas, estas manifestam menores expectativas de futuro; e demonstram um consumo de drogas mais elevado (Idem). Finalmente, podemos mencionar que este grupo, pratica bastante exercício físico e tem uma boa imagem corporal de si próprios; no entanto é neste grupo de vítimas – agressivas que existem mais factores de risco (relativamente aos outros elementos), visto se envolverem mais em comportamentos fora da escola; revelarem mais queixas de sintomas físicos, psicológicos, bem como sintomas de depressão (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001).

Testemunhas

Existem poucas informações em relação às testemunhas, no entanto, um estudo realizado em Portugal, demonstrou que 68,6% são observadores frequentes de situações de agressão entre colegas (Ferreira, Freire & Simão, 2006). Alguns estudos parecem no entanto demonstrar, que alguns observadores são simultaneamente vítimas e também poderão ser agressores (Martins, 2005). Podemos então concluir, que os adolescentes poderão experimentar de forma simultânea: a condição de vítimas, agressores, bem como de testemunhas (Idem). Alguns estudos demonstram também que este grupo (testemunhas), não se sente bem na escola (Martins, 2005).

Como modo de sintetizar podemos perceber, que os tipos de vitimação e de agressão mais frequentes, remetem para um tipo indirecto em que predomina a rejeição social (Idem). Os jovens que se sentem mal em casa, e têm uma má relação com o pai, são mais frequentemente do que os outros, agressores, testemunhas e vítimas (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001). Os rapazes, os

alunos mais novos, e os que frequentam os anos de escolaridade mais baixos estão mais envolvidos no bullying, nomeadamente em comportamentos de vitimação, bem como comportamentos de duplo envolvimento (sendo vítimas e agressores) (Idem). Pelo contrário, os jovens que normalmente referem que não se envolvem em comportamentos de bullying são com maior frequência as raparigas, os alunos mais velhos, e os que frequentam um nível de escolaridade mais elevado (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001). Quando ocorrem as situações de agressão/vitimação, os alunos preferem pedir ajuda aos seus amigos, seguido dos seus familiares, mãe e depois pai, e depois pelos professores, destacando-se o director de turma, que acaba por estar mais disponível (Martins, 2005). Quanto aos espaços escolares, a violência aumenta, em particular nas escolas situadas junto a zonas degradadas ou em bairros sociais (Alves, Campos & Sebastião, 2003). Os estudos acabam por divulgar, que o bullying é mais frequente nos recreios (Pereira, 2006 cit in Nascimento & Neto, 2006).

Relativamente aos estudos realizados internacionalmente, têm-se obtido também vários resultados (irei descrever vários resultados que não foram obtidos nos estudos portugueses que mencionei anteriormente), e estes têm coincidido no geral com os que foram apresentados no nosso contexto (exceptuando alguns que serão mencionados seguidamente). Mediante um estudo internacional, verificou-se que 23% dos rapazes e das raparigas intimidaram as vítimas por vários anos seguidos (Blais, Craig & Pepler, 2007). Em relação aos agressores, obtiveram-se também outros resultados: aproximadamente 20% dos alunos agressores também sofrem bullying, sendo denominados de vítimas agressoras (Neto, 2005).

Há testemunhas, que não tentam parar o bullying pois consideram os agressores seus amigos; e geralmente com o aumento da idade, os jovens tentam evitar estratégias para acabar com esta problemática (Blais, Craig & Pepler, 2007). Outros estudos divulgaram, que a grande maioria destes alunos coopera com os agressores ou acabam por se tornar os próprios agressores (Damke & Santos, 2007).

Numa pesquisa realizada pela Organização Mundial de Saúde (s.d.), verificou-se que entre as crianças canadianas com treze anos, um em cada seis meninos e uma em cada sete meninas já foram vítimas. Na Finlândia e na Irlanda, foi verificada, uma taxa de vitimação de 8% entre os alunos; 20% de vitimação no Canadá; e 27% nos EUA (Gini, 2004). Um interessante dado estatístico foi comprovado num estudo que foi efectuado, e este acabou por verificar que, o número de vítimas é sempre maior que o número de agressores (Silva, 2006). Segundo os resultados do Relatório Internacional da Saúde Mundial, para cerca de 11% das vítimas, o abuso praticado pelos seus companheiros é severo (ocorre várias vezes por mês) (Almeida, Bartolo, Benítez, Caurcel, Marinho & Silva, s.d.). Uma das consequências que poderão advir para as vítimas, é em casos extremos o suicídio; e um estudo realizado acabou por comprovar, que no Japão 10% dos suicídios dos adolescentes, é por causa do bullying, nomeadamente vítimas que foram agredidas por um longo tempo (Rodriguez, 2007).

Embora em estudos realizados em Portugal, alguns autores tenham sustentado que as vítimas são predominantemente do sexo masculino, e outros terem defendido que são

maioritariamente do sexo feminino; em estudos realizados internacionalmente chegou-se a resultados contraditórios. Verificou-se, que no papel das vítimas, não há diferenças entre os géneros (Neto, 2005).

Em alguns estudos, demonstrou-se, que o bullying tende a ocorrer nos recreios (como foi mencionado nos estudos realizados em Portugal), mas também existem taxas elevadas nas aulas de educação física e na hora de saída da escola (Idem). No entanto, outros autores refutam esta ideia, mencionando que o bullying ocorre mais frequentemente na sala de aula (Damke & Santos, 2007).

Trabalhos internacionais demonstraram, que o bullying pode ocorrer a partir dos três anos de idade, quando a intencionalidade desses actos, já pode ser observada; e verificou-se que estes comportamentos acabam por ter uma maior gravidade do 5º ao 8º ano (Colovini & Costa, s.d.). (como também já foi observado nos estudos realizados em Portugal, onde num estudo se defendeu que este comportamento se agravava por volta dos 13 anos).

II. «Educar para a Paz» – uma resposta ao bullying escolar

No capítulo anterior foi possível perceber que este fenómeno existe em todas as escolas, pelo que existe a necessidade de se planearem estratégias e programas que permitam lidar com estas situações para a diminuição destas ocorrências. Assim, neste capítulo, tentarei elucidar para a importância da implementação de programas de intervenção, visto este fenómeno estar-se a alastrar cada vez mais na nossa sociedade. Seguidamente, será apresentado o Programa de intervenção Educar para a Paz, onde serão exemplificadas quais as medidas que foram aplicadas neste, para a redução deste fenómeno. Será descrito este programa, pois obteve excelentes resultados, no combate a esta problemática.

2.1. Importância da implementação de programas de intervenção no bullying nas escolas

Dada a eminência desta problemática na actualidade, torna-se cada vez mais necessária a articulação de estratégias e implementação de programas de intervenção, que permitam fazer face a este flagelo. Assim, a seguir apresentam-se um conjunto de princípios que estão subjacentes à aplicação destes programas de intervenção.

Num primeiro momento, anterior à implementação de programas de intervenção nas escolas, é necessário, que a escola reconheça a existência deste fenómeno, que o defina como prioridade a nível do projecto educativo e que os problemas sejam partilhados e reconhecidos por todos (Pereira, 2002; Pereira & Pinto, 1999 cit in Nascimento & Neto, 2006).

Um dos objectivos dos programas de intervenção, é que todos os membros que compõe o contexto escolar (bem como também os pais dos alunos) tenham a noção que este fenómeno, em maior ou menor incidência, ocorre em todas as escolas, e que acaba por ser gerador de outras

formas de violência ocorridas na nossa sociedade (ex. criminalidade violenta e abuso de substâncias aditivas) (Almeida, 2007).

Por este facto, os programas de intervenção, são bastante relevantes, pois tentam demonstrar que a violência pode e deve ser evitada e que em sua substituição deve prevalecer o desenvolvimento de atitudes que valorizem a prática de tolerância e de solidariedade entre os alunos (Rodriguez, 2007). Desta forma, o diálogo, o respeito, e as relações de cooperação devem ser valorizados e assumidos por todos os envolvidos no ambiente escolar (Idem).

Na revisão da literatura, é possível encontrar alguns programas de intervenção que foram aplicados em diversos países.

No nosso país, alguns programas de intervenção estão a ser desenvolvidos nas escolas portuguesas, por meio do programa europeu «Training and Mobility for Research» (Rodriguez, 2007). Em Braga, numa escola os próprios alunos criaram a Liga dos Alunos Amigos (LAA), um programa que pretende evitar as agressões entre colegas, bem como combater os conflitos entre estes (Idem). Este programa é constituído por três vertentes: formação de directores de turma que recebem treino para ajudar e prevenir situações de agressão, criação de um grupo com o objectivo de mediar os conflitos entre os próprios alunos, bem como a criação de uma rede sócio-emocional que é constituída pelos próprios alunos (Fante, 2005). A LAA é constituída por alunos, que são escolhidos pelos seus colegas tendo em conta determinados critérios de selecção: têm que ser bons amigos, saberem guardar segredos, e saberem ouvir e respeitar as opiniões de todos os seus colegas (Idem). Esse grupo (LAA), recebe formação prática para melhorarem as competências de comunicação bem como de ajuda aos seus próprios colegas (Rodriguez, 2007). Toda a comunidade escolar tem reagido bem à actuação da LAA: sendo que 75% dos alunos pensam que esta tem sido um bom exemplo para a escola e 65% dos alunos admite que esta tem diminuído as agressões entre os próprios alunos no meio escolar (Idem).

No Brasil, adoptou-se em algumas escolas, o programa «Bullying ninguém merece, nossa escola combate essa prática» (Mascarenhas, 2006). Este projecto teve como objectivo contribuir para o melhoramento do relacionamento interpessoal nas escolas em questão, dando ênfase à necessidade de se reflectir sobre a dignidade humana, seus direitos, deveres e liberdades (Idem). Para o esclarecimento deste fenómeno no meio escolar, foram distribuídos pelas escolas cartazes com frases alusivas ao tema em questão, e todos os membros da comunidade escolar foram orientados para estudar alguns textos disponibilizados sobre este fenómeno (Mascarenhas, 2006). A biblioteca escolar passou também a disponibilizar textos sobre bullying, para a posterior pesquisa dos alunos sobre este tema (Idem). Relativamente aos resultados obtidos com este projecto, estes foram atingidos de modo satisfatório, contribuindo essencialmente para uma melhor consciencialização por parte de todos os membros da comunidade escolar para o fenómeno em questão (Mascarenhas, 2006).

Existem vários programas de intervenção (como os exemplos que foram mencionados anteriormente). No entanto no decorrente trabalho será dado ênfase ao «Programa Educar para a Paz», que foi implementado em algumas escolas do Brasil. A opção decorre do facto de este já

ter demonstrado a sua eficácia na redução desta problemática, ao ser implementado em diversas escolas brasileiras e os seus resultados obtidos terem sido bastante satisfatórios. Para além disso, o facto de incluir toda a comunidade escolar, nomeadamente os pais das crianças, poderá ser uma ótima medida para todos podermos conhecer o fenómeno e saber como lidar com este.

2.2. Programa de intervenção «Educar para a Paz» e resultados obtidos com a implementação deste

É imprescindível sensibilizar e envolver toda a comunidade escolar para a redução desta problemática (inclusive a participação dos pais dos alunos); devido essencialmente por este fenómeno ser complexo e de difícil identificação, manifestar-se de forma vedada e a sua propagação ocorrer geralmente através da imposição do silêncio (Fante, 2005).

Como se apresentou anteriormente, para uma maior eficácia da prevenção, é essencial o envolvimento e participação dos diversos agentes educativos, sejam pais, professores, etc. Estes conhecimentos recebem sustentação teórica nos contributos de Bronfenbrenner (Bronfenbrenner, 1996 cit in Koller & Poletto, 2008).

De acordo com Bronfenbrenner, todos os comportamentos dos sujeitos devem ser compreendidos dentro da dinâmica de diversos sistemas. O modelo ecológico de Bronfenbrenner demonstra, realmente essa importância de interacção com diferentes sectores (família, professores e alunos) (Idem). Independentemente, dos microssistemas nos quais as pessoas estejam ou vivam (família, instituição ou escola), o seu desenvolvimento psicológico saudável depende principalmente, da existência de interacções entre os elementos dos diferentes sistemas (Idem). No entanto, tais interacções precisam ser marcadas por sentimentos afectivos positivos, reciprocidade e equilíbrio de poder (Bronfenbrenner, 1996 cit in Koller & Poletto, 2008).

Relações negligentes ou abusivas, baseadas em estereótipos e/ou concepções idealizadas, podem ser encontradas em práticas educativas na família, na instituição ou na escola (Idem). Por este facto, seja qual for o contexto (família, instituição ou escola), este pode-se configurar como risco ou protecção; no entanto isto dependerá, da qualidade das relações, e da presença da afectividade e reciprocidade, que tais ambientes propiciarem (Bronfenbrenner, 1996 cit in Koller & Poletto, 2008). Todos estes sistemas, acabam por influenciar, o que uma pessoa se torna, à medida que se desenvolve (Bronfenbrenner, 1979 cit in Carvalhosa, s.d.). Deste modo, se algum sistema sofrer alterações ou conflitos, afectará todos os outros sistemas (Bronfenbrenner, 1996 cit in Koller & Poletto, 2008). O bullying, baseado nesta teoria, é visto como um fenómeno, que afecta o desenvolvimento ecológico das crianças e dos jovens (Bronfenbrenner, 1979 cit in Carvalhosa, s.d.).

Devido à complexidade deste fenómeno, acreditamos também, que seja importante para a prevenção do bullying, a formação dos profissionais da educação, para que desta forma saibam identificar, distinguir e diagnosticar este fenómeno (Fante, 2005). No entanto, as estratégias que

podem ser implementadas no combate a este fenómeno devem ser desenvolvidas, segundo a realidade de cada escola (Idem).

Neste sentido, algumas iniciativas bem – sucedidas têm sido aplicadas em algumas escolas nos mais diversos países com o objectivo de tentar reduzir este tipo de comportamento no meio escolar (Rebello, s.d.).

Seguidamente, será apresentado um programa de intervenção que tem vindo a ser implementado em diversas escolas no Brasil (neste programa que seguidamente será apresentado, as citações serão, em quase toda a sua totalidade retiradas de um só livro, visto ter encontrado somente este meio de informação, com todo o programa de intervenção completo).

O programa de intervenção «Educar para a Paz», foi desenvolvido pela professora Cleo Fante, implementado no Brasil em 450 alunos do 1º a 8º ano (Fante, 2005). Este projecto foi implementado no período de Junho de 2002 a Julho de 2004, no entanto vem sendo implementado actualmente em diversas escolas no Brasil (Idem).

O Programa Educar para a Paz, é composto por estratégias que visam intervir no fenómeno, bem como preveni-lo (Fante, 2005). Este fundamenta-se por um conjunto de estratégias psicopedagógicas, que se baseiam sobre os princípios de solidariedade, tolerância e respeito pelas diferenças (Fante, 2002 cit in Rebello s.d.). Envolve toda a comunidade escolar, inclusive os pais das próprias crianças (Fante, 2005).

O Programa estabelece como objectivos o de erradicar este fenómeno, que tem vindo a causar prejuízos a um número cada vez maior de alunos; propagar a paz nas escolas; e por fim, promover a inclusão e a integração dos alunos, às dimensões da paz pessoal (consigo próprio), da paz com os outros e com o meio ambiente, sendo orientados pelo princípio de cooperação, da solidariedade, da tolerância e do respeito pelas diferenças (Fante, 2005).

Seguidamente serão apresentadas as medidas tomadas no Programa de Intervenção «Educar para a Paz».

Etapa A – Conhecimento da realidade escolar

Primeiro passo: consciencialização e compromisso

O comportamento agressivo entre estudantes é um problema universal, que geralmente é admitido como algo natural, sendo habitualmente ignorado e desvalorizado pelos adultos (Neto, 2005). Frequentemente a comunidade escolar, (em especial os profissionais de educação), toma consciência dos problemas da violência, bem como a sua gravidade, somente quando já existem altos níveis de incidência deste fenómeno (Fante, 2005). Neste sentido, devemos estar cientes, que este fenómeno ocorre em todas as escolas, sendo extremamente relevante estarmos alerta para qualquer tipo de sinais demonstrados pelos alunos, que denunciem esta problemática.

Por este facto, para fazermos face a esta problemática, tentamos elaborar este programa; e para podermos assegurar desta forma a sua continuação, foi imprescindível constituirmos uma comissão. A comissão deste programa foi constituída por: um director; um coordenador;

representantes dos professores, dos funcionários, dos alunos, dos pais; e por alguns profissionais que prestam ao serviço à escola (um dentista, um psicólogo e um assistente social) (Fante, 2005). Esta equipa teve como objectivo dar apoio aos envolvidos neste fenómeno, avaliar o progresso do programa e resolver os possíveis problemas que vieram a surgir (Idem).

Uma figura essencial neste programa, foi o tutor (cada turma da escola era constituída por um tutor, e os tutores realizavam reuniões entre eles, todas as semanas, essencialmente para discutirem os problemas que tinham detectado na sua respectiva turma, e as estratégias que porventura poderiam implementar; todas as informações e consecutivamente as conclusões obtidas chegavam porventura ao coordenador do programa), pois este tentou sempre auxiliar os alunos a conviverem de forma harmoniosa e solidária, tentando propiciar desta forma um ambiente escolar não violento (Fante, 2005).

Segundo passo: investigação da realidade escolar

Para estarmos cientes das taxas de incidência do bullying na nossa escola, foram elaborados alguns questionários para todos os membros do nosso meio escolar (Fante, 2005). Mediante os resultados obtidos nestes questionários, procedeu-se a uma elaboração de um plano de medidas, que tentasse desta forma dificultar o desenvolvimento de condutas negativas nos alunos e prevenir qualquer tipo de violência (Idem).

Etapa B – Modificação da realidade escolar

Primeiro passo: adopção de estratégias de intervenção

Para se poderem adoptar estratégias de intervenção, é necessário conhecer as causas que levam o agressor a perseguir a vítima, bem como as causas que permitem à vítima suportar tais agressões (Fante, 2005). Existe actualmente uma necessidade urgente de enfrentarmos este fenómeno, que deve ser realizado por todas as pessoas (essencialmente professores) que lidam diariamente com os alunos, para tentarmos identificar as causas que os levam a ser agressivos, para com os seus colegas (Almeida, 2007). Cada comunidade escolar deve conhecer a sua realidade e fazer com que os alunos ponham em prática valores (solidariedade, tolerância, ...), que devem permanecer enraizados no pensamento e no comportamento dos alunos na sua vida adulta (Idem).

Estratégias gerais

Mediante os nossos resultados sobre a investigação das taxas de incidência deste fenómeno no nosso meio escolar, chegamos à conclusão, que o maior índice de violência, ocorria dentro da escola, habitualmente nos locais onde a supervisão era deficitária ou inexistente (nomeadamente nos recreios); desta forma, tentamos encontrar medidas para evitar este tipo de violência no nosso

meio escolar (Fante, 2005). É necessário haver uma maior supervisão nos recreios, pois desta forma estaremos a prevenir o bullying (Pereira, 2005).

Medidas de supervisão e observação

Para melhorarmos a supervisão dos alunos, nos espaços do ambiente escolar, foram colocados mais funcionários, o que acabou por ser uma boa medida, que veio acabar por trazer segurança aos alunos que eram vítimas deste fenómeno, como também aos alunos em geral, que acabavam por ter receio de virem a ser a próxima vítima dos agressores (Fante, 2005).

Neste programa, contamos também com o apoio dos alunos e formamos o grupo dos «alunos solidários». Estes alunos, tentaram identificar as dificuldades existentes entre os colegas e tentaram auxiliá-los, tanto dentro da sala de aula como em todos os espaços da comunidade escolar ex. recreio (Idem).

Serviço de denúncia

A escola dispunha de um telefone, através do qual a vítima poderia denunciar o agressor. Dessa forma, alguém que estava ligado à escola (psicólogo, director, professor, ou aluno solidário) acabou por dedicar algumas horas por dia a atender as chamadas dos alunos ou dos pais, que desejavam denunciar anonimamente algum tipo de violência que estava a acontecer (Fante, 2005). Essa pessoa tentava orientar e escutar a pessoa que estava a denunciar, e agendava um encontro com o tutor da respectiva turma, para poderem desta forma encontrar soluções (Idem). Este serviço era extremamente relevante essencialmente para as vítimas, pois desta forma não tinham que ter receio de denunciar os agressores, pois podiam-no fazer por via telefónica.

Encontros semanais para avaliação

O coordenador do programa, realizava reuniões semanais para a avaliação e manutenção das estratégias que estavam a ser adoptadas. Tentou avaliar o progresso do programa, para verificar desta forma se seria necessário fazer modificações nas estratégias que estavam a ser adoptadas (Fante, 2005). Num programa de intervenção demonstra-se imprescindível verificarmos a eficácia das estratégias que estão a ser aplicadas, para desta forma percebermos se todos os elementos do meio escolar estarão a aderir bem às estratégias aplicadas para prevenir e intervir neste fenómeno.

Estratégias individuais

Para o tutor conseguir identificar os participantes neste fenómeno (vítima e agressor), desenvolveram-se actividades como redacções, entrevistas individuais e em grupo (Fante, 2005).

Redacção «Minha vida escolar»

O tutor incentivou os alunos a mencionar como era a sua vida na escola, desde que saíam da escola até ao seu retorno. O objectivo do tutor era o de encorajar o aluno para que este denuncia-se o seu provável agressor (Fante, 2005). Esta actividade teve como propósito, desvendar a situação de sofrimento em que se encontravam os alunos vítimas de bullying. O tutor desta forma, tentava desvendar quem eram as vítimas, e começava então a trabalhar com cada vítima particularmente (Idem).

Redacção «Minha vida familiar»

Nesta sessão, pediu-se ao aluno para contar como era a sua vida e o seu relacionamento interpessoal fora do ambiente escolar (Fante, 2005).

Através destas duas actividades (redacção «Minha vida escolar» e redacção «Minha vida familiar»), e tendo em conta os dados obtidos (investigação da realidade escolar através dos questionários); já foi possível identificar quem eram as vítimas e os agressores (Idem).

Entrevista pessoal

Este método era composto por uma série de entrevistas com alunos – agressores e vítimas, e era constituído por 3 fases: existiam conversas individuais com cada aluno envolvido, habitualmente iniciava-se pelo aluno (s) agressor (es), e concluía-se com a (s) vítima (s); havia uma entrevista de acompanhamento com cada aluno envolvido; e por fim, havia uma reunião de grupo com todos os envolvidos (Fante, 2005). Este método era somente efectuado por psicólogos (Idem).

Estratégias na sala de aula

As estratégias que estavam a ser adoptadas numa turma, estavam ao mesmo tempo a ser desenvolvidas por todas as outras turmas da escola (Fante, 2005). O coordenador do programa, foi sempre fazendo um balanço semanal do que estava a ser realizado, para perceber se teria que haver alguma modificação nas tarefas que estavam a ser efectuadas (Idem).

Estatuto contra o bullying

Uma boa medida que também foi implementada, foi a criação de um código ou estatuto desenvolvido pelos alunos, onde estes estabeleceram as regras para haver uma boa convivência e

onde desta forma repudiavam o bullying (Fante, 2005). Com esta medida os alunos acabavam por ter um papel activo neste projecto, o que acabava por ser também imprescindível, essencialmente para motivá-los para juntos conseguirem a erradicação deste fenómeno.

Desenvolvimento de estratégias

Este método teve como objectivo, que os colegas do aluno-vítima tentassem ajudá-lo a elevar a sua auto – estima, e tentassem demonstrar desta forma que para tudo existe soluções. Esta actividade, tentou essencialmente, promover a inclusão do aluno, que se encontrava em situação de isolamento (por timidez, necessidades especiais, ou por ser vítima de violência de algum companheiro, ...) (Fante, 2005). A vítima desta forma, certamente se sentiu mais apoiada pelos seus pares, o que acabou por ser positivo, pois as vítimas geralmente sentem-se muito excluídas e isoladas do seu grupo de colegas.

O tutor, nesta estratégia, tentou preparar o ambiente para receber os alunos; realizou-se uma espécie de terapia de grupo, em que cada aluno após o tema apresentado, reflectiu e apresentou as suas opiniões, sugerindo desta forma soluções para esse tema respectivo (Idem). Num momento seguinte, o tutor procedeu integralmente à leitura das redacções (« Minha vida escolar» e «Minha vida familiar»), onde estas foram discutidas, induzindo desta forma os alunos à posterior reflexão (Idem). No entanto, o tutor tomou as respectivas precauções para que o (s) aluno (s) continuassem em anonimato (Fante, 2005). O anonimato dos alunos é muito importante, essencialmente para preservarmos a sua integridade, se fosse divulgado o seu nome iriam sentir-se certamente envergonhados com toda a situação por qual passaram/passam e isso não iria ser positivo.

O estudo de uma situação problemática, enfrentada por prováveis alunos da turma, foi algo indispensável, pois possibilitou aos alunos a procura de decisões conjuntas; o respeito mútuo; o compromisso na solução e na elaboração de projectos colectivos; estabelecimento de relações recíprocas; e a aprendizagem de valores como a solidariedade e a tolerância (Idem). Esta fase do projecto permitiu aos alunos aprenderem a respeitar as diferenças do outro, perceberem o verdadeiro significado da palavra empatia, bem como possibilitou que houvesse uma melhor convivência entre todos os alunos.

Projectos solidários

A participação dos jovens em projectos solidários, foi algo muito importante, pois permitiu aos jovens desenvolverem a responsabilidade social; promoverem a cidadania; terem capacidade para trabalhar em equipa; e serem cada vez mais empáticos, em relação aos seus colegas (Fante, 2005). Com o desenvolvimento destes projectos tentou-se diminuir os problemas entre a vítima e o agressor; visto os objectivos comuns serem a melhor forma para se poderem aproximar as pessoas (Idem). Estando estes (vítima e agressor), a trabalhar juntos, certamente acederam a uma

nova mentalidade, o que certamente levou a vítima a elevar a sua auto – estima, e fazer com que o agressor se apercebesse, que não é através da violência e da autoridade, que se deviam resolver os problemas que pudessem vir a surgir na sua vida quotidiana (Fante, 2005).

Alguns exemplos de projectos solidários que foram desenvolvidos por este programa: actividades manuais (bordados, pintura, bijuterias, corte e costura); e para a comercialização (criação de cooperativas como confeccionar enxovais para noivas, bebés, grávidas; participando para além dos alunos também os seus familiares) (Idem).

Investigação semanal

Ao mesmo tempo que se desenvolveram estas actividades descritas anteriormente, foram-se acompanhando as mudanças que estavam a ocorrer no comportamento dos alunos (Fante, 2005). Este ponto apresenta-se como extremamente relevante, pois somente desta forma percebemos se as estratégias do programa estavam a ter resultados essencialmente no comportamento dos alunos.

Estratégias familiares

Para que este programa de intervenção tivesse tido eficácia, foi essencial a participação dos familiares dos alunos (Fante, 2005). Para os resultados obtidos com o programa acabarem por ser satisfatórios, algo extremamente relevante foi: para além da participação de todos os elementos da comunidade escolar, ter havido a participação dos próprios familiares dos alunos (nomeadamente os pais).

Encontro de pais e tutores

Um dado muito importante, foi o facto dos pais estarem cientes que o seu filho, podia estar a ser vitimizado ou ter o papel de agressor; e por esse motivo a escola precisou da colaboração de todos os pais dos alunos (Fante, 2005). O tutor, primeiramente convocou uma reunião com os pais a nível colectivo, e quando viu que era necessário, reuniu encontros de forma individualizada com os pais (Idem).

Orientações sobre convivência familiar

Um grande objectivo, que pretendíamos com este programa, era que fossem criadas condições, para que os pais pudessem reflectir sobre o modo como estavam a educar os seus filhos (Idem).

Um dos aspectos que foram divulgados por este programa, que foi essencial para unir as famílias, foi o diálogo. É essencial dialogarmos com os nossos filhos, ouvirmos as suas

frustrações, os seus medos, ... O facto das crianças conhecerem os problemas enfrentados pela sua família, é uma forma delas compreenderem que as dificuldades também fazem parte da vida (Fante, 2005). É essencial não nos esquecermos de um facto muito importante: o tipo de educação que as crianças recebem no seu lar, acaba por se repercutir na escola (Fante, 2005). As influências familiares acabam por ser um dos riscos para a manifestação do bullying nas crianças (Neto, 2005). Portanto, devido a este facto, uma boa educação familiar, baseada no amor, no respeito, e na cooperação, fará com que as crianças tenham exemplos positivos a seguir (Idem).

Para que se pudesse contar, com a participação activa dos familiares neste programa anti – bullying; o tutor convidou para uma primeira reunião, os pais dos alunos agressores; para uma segunda, os pais dos alunos vítimas; e finalmente, o tutor convocou os pais dos alunos testemunhas (Fante, 2005). O objectivo destas reuniões, foi analisar as situações de forma minuciosa, e traçar estratégias, para que desta forma os problemas apresentados, fossem resolvidos (Idem).

Grupo de pais solidários

É imprescindível nas estratégias familiares, as atitudes solidárias; por este facto, o tutor sugeriu, que os pais participassem também nos projectos solidários de escola, seja através do grupo de pais solidários, quer de pequenas acções para com os seus filhos (ex. doarem algumas roupas que não usassem, para incentivar desta forma, a criança a fazer o mesmo) (Fante, 2005).

Ainda como estratégias junto à família, o grupo de pais solidários, foi uma opção para tratar problemas específicos, como disciplina familiar; desenvolvimento das crianças; clima afectivo no lar; as condições que acabavam por favorecer a violência doméstica, e que se acabavam por ser repercutir na escola; além de se terem abordado temas habituais que geralmente ocorrem na sociedade, como: drogas, educação sexual e a violência (Fante, 2005).

Neste programa não chegou a acontecer este facto, mas caso acontecessem casos de alunos, cujos comportamentos extrapolassem as habilidades psicopedagógicas da equipa responsável por este programa, seriam encaminhados a profissionais especializados, para que fossem devidamente tratados (Idem). A equipa deste programa, no entanto trabalhou em parceria com profissionais de saúde especializados, para que todas as vezes que fosse necessário os alunos fossem encaminhados para esses profissionais (Fante, 2005).

Segundo passo: novo diagnóstico da realidade escolar

Após o desenvolvimento de todas as estratégias do Programa Educar para a Paz, através do qual toda a comunidade escolar teve participação, procedeu-se a um novo diagnóstico, para se verificar a nova realidade presente na escola (Fante, 2005). Os questionários e as redacções foram novamente utilizados como ferramentas (Idem).

Após a conclusão dos resultados, estes foram apresentados a toda a comunidade escolar (Fante, 2005).

De acordo com os resultados que foram atingidos, a comissão deste programa tentou perceber se este programa poderia ser mantido, ou se teriam que ser revidas algumas medidas que tinham sido utilizadas. No entanto, como foram obtidos excelentes resultados com este programa, resolveu-se mantê-lo com as medidas inicialmente propostas (Fante, 2005).

Relativamente aos resultados obtidos com a implementação do programa; na primeira fase de implementação deste, identificou-se que 67% dos alunos estavam envolvidos no bullying, sendo desses 67%; 26% de vítimas, 22% eram agressores, e 19% eram vítimas agressoras (Fante, s.d.). Após um semestre da aplicação das estratégias psicopedagógicas deste programa, os resultados diminuíram para 10% de envolvimento nesta problemática (Idem). Ao final de dois anos, apenas havia 4% de alunos envolvidos no bullying (Fante, s.d.).

O Programa Educar para a Paz, implementado através de metodologias simples, leituras de textos, redacções de alunos, fundamentou-se nos valores de tolerância e solidariedade, explorando a compreensão, percepção, discussão para que desta forma todos se sensibilizassem para a existência deste fenómeno (Almeida, 2007). Este teve como objectivo a existência de respeito mútuo entre todos os alunos, respeitando desta forma as diferenças do outro, se soubessem comportar no meio social e interagissem com os outros indivíduos, baseando-se em boas relações interpessoais, comprometendo-se desta forma com o bem-estar dos outros, com uma construção de paz nas escolas, tolerando o outro, para que desenvolvessem desta forma atitudes de solidariedade, gestos e princípios aprendidos na escola (Idem).

Como modo de sintetizar, percebe-se que uma gestão sistemática do bullying nos ambientes educativos, pode afectar positivamente os discentes como também os docentes, nomeadamente no que diz respeito, a uma melhoria na qualidade do bem – estar psicossocial, e da saúde emocional (Mascarenhas, 2006).

O programa de intervenção Educar para a Paz, acabou por se transformar em modelo, tendo vindo a ser implementado em inúmeras escolas do Brasil (Fante, s.d.). As suas estratégias e técnicas de intervenção têm-se mostrado bastante eficazes na redução deste tipo de comportamento (Idem).

Conclusão

Como se percebe com este trabalho a violência (nas suas diversas formas) encontra-se presente, de forma persistente no nosso quotidiano.

Após a revisão da literatura realizada, foram caracterizados os elementos envolvidos neste fenómeno: as vítimas, as vítimas agressoras, as vítimas provocadoras, os agressores, bem como as testemunhas. Para além deste facto, foi denotada a existência de inúmeros factores de risco inerentes a esta problemática. No entanto, existe um factor que demonstra um consenso entre os

diversos autores que estudei, que diz respeito ao envolvimento da família. Segundo esses autores, o modelo familiar poderá ser gerador de comportamentos agressivos nas crianças.

Relativamente às consequências do bullying, estas acabam por afectar todos os elementos envolvidos neste fenómeno, mas especialmente as vítimas. Estas poderão acabar por viver isoladas, com o seu auto-conceito e auto-estima afectados, acabando por desta forma prejudicar a sua própria estruturação da personalidade; podendo em casos extremos cometer o suicídio.

Foi possível perceber que as taxas de prevalência do bullying revelam, que entre 5% a 35% dos alunos estão envolvidos neste fenómeno (Fante, 2005), sendo que a ocorrência deste tipo de comportamento (bullying) está a tomar proporções cada vez mais preocupantes na nossa sociedade. Desta forma, torna-se extremamente importante tomarem-se medidas para se poder fazer frente a este flagelo, nomeadamente através da implementação de programas de intervenção.

Neste trabalho optou-se pela apresentação de um programa, designado Educar para a Paz, que já demonstrou ser um modelo a seguir, devido aos excelentes resultados que tem verificado. No entanto, estes resultados parecem estar muito relacionados com a participação dos pais dos alunos e interacção com os professores. Estes dados, que salientam a importância de interacção entre a família, a escola e os alunos, vão de encontro ao defendido por Bronfenbrenner no seu Modelo ecológico do Desenvolvimento Humano. Onde este depende que independentemente dos microsistemas nos quais as pessoas estejam ou vivam (família, instituição ou escola), o seu desenvolvimento psicológico saudável depende, principalmente da existência de interacções (Bronfenbrenner, 1996 cit in Koller & Poletto, 2008).

No final deste percurso percebe-se a necessidade de formação dos professores nas nossas escolas, no que diz respeito a este fenómeno, pois infelizmente estes comportamentos muitas vezes dentro do meio escolar, acabam por ser vistos como brincadeiras típicas da idade. Com a formação dos professores, estes estariam mais habilitados e seria extremamente mais eficaz a detecção destes tipos de comportamentos entre os próprios alunos. Para além disso, seria de igual importância haver uma formação dos funcionários e até dos próprios pais dos alunos, pois desta forma estaríamos todos sensibilizados para a ocorrência deste fenómeno.

A existência de um maior número de programas de intervenção nas nossas escolas, seria imprescindível pois em diversos locais no nosso país acabam por ser praticamente inexistentes. Para além desta medida penso que seria bastante importante: a existência de mais psicólogos educacionais dentro das escolas, para que desta forma houvesse uma maior facilidade de identificação destes comportamentos nos alunos, bem como um melhor acompanhamento a estes; acabaria por ser também uma maior valia devido ao facto de haver uma maior utilização de medidas para combater este fenómeno.

A existência de uma melhor supervisão (nomeadamente a existência de mais funcionários nesse espaço) dos recreios poderia também ser extremamente útil, visto ser um dos sítios onde ocorre mais violência entre os alunos.

Relativamente ao balanço do percurso deste trabalho, no que diz respeito à bibliografia, existe alguma bibliografia, mas foram encontradas algumas dificuldades nomeadamente na pouca divulgação de programas de intervenção, o que acabou por dificultar o desenvolvimento do ponto 2.2. do respectivo trabalho, pois não houve a possibilidade de se constatar se as estratégias que foram aplicadas neste programa, seriam também aplicadas em outros programas de intervenção do bullying. Acabei também por deparar-me ao longo da minha pesquisa bibliográfica com praticamente a inexistência de programas de intervenção no nosso país, que certamente deve-se ao facto de muitos profissionais ainda não terem a noção das taxas de incidência deste fenómeno em todas as escolas, e das consequências que poderão advir para os elementos que nele participam.

O bullying acaba por ser uma área que me interessa particularmente, embora esteja ciente que em muitas escolas acaba por não ser dada a importância necessária a este fenómeno.

Quanto a sugestões de investigação, acaba por ser extremamente importante futuramente, a continuação da realização de estudos sobre esta problemática (nomeadamente sobre as consequências que advêm para todos os alunos que nela participam, bem como o estudo das taxas de prevalência), só assim existirá no meu entender a consciencialização de todos relativamente à existência deste flagelo.

BIBLIOGRAFIA

Almeida, A., Bartolo, G., Benitez, J., Caurcel, M.J., Marinho, S. & Silva, M. (s.d.). *Bullying e vitimização entre pares: da realidade ancestral à busca de respostas, passando pela evidência empírica*. [On – line]. Available: http://aaafpce.ul.pt/documentos/seminario_bullying. (18 de Set. 2008).

Almeida, A.O. (2007). *Resenha: Fenómeno Bullying: Como Prevenir a Violência nas escolas e Educar para a Paz*. [On - line]. Available: <http://www.mr12.com.br/bullying/images/pdf>. (8 de Nov. 2008).

Botelho, R., & Sousa, J. (2007). Bullying e educação física na escola: características, casos conseqüências e estratégias de intervenção. *Revista de Educação Física*, 139, 58–70.

Carvalhosa, S.F. (s.d.). *Experiências e práticas de intervenção: O Bullying nas escolas portuguesas*. [On - line]. Available: <http://www.iefp.pt/formaçãoformadores>. (8 Agosto 2008).

Carvalhosa, S., Lima, L., & Matos, M.G. (2001). Bullying—A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, 4 (29), 523 – 537.

Colovini, C.E., & Costa, M.R. (s.d.). *O fenómeno Bullying na percepção dos professores*. [On – line]. Available: http://www.bullying.pro.br/artigo_cientifico.pdf. (8 de Julho 2008).

Brais, J., Craig, W., & Pepler, D. (2007). Responding to bullying: What Works?. *School Psychology International*, 28, 465–477.

Fante, C. (s.d.). *O Fenómeno Bullying e as suas conseqüências psicológicas*. [On-line]. Available: <http://psicologia.org.br/internacional/pscl.84.htm>. (15 de Nov. 2008).

Fante, C. (2005). *Fenómeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus.

Ferreira, A.S., Freire, I.P., & Simão, A.M. (2006). O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, 19 (2), 157–183.

Gini, G. (2004). Bullying in Italian Schools: An Overview of Intervention Programmes. *School Psychology International*, 25, 106–116.

Bernalte, A., Gala, F.J., Gomez, A., Lupiani, M., Lupiani, S., Miret, M.T., et al. (2005). El bullying y otras formas de violência adolescente. *Cuadernos Medicina Forense*, 13 (48 – 49), 165–177.

Koller, S.H., & Poletto, M. (2008). Contextos Ecológicos: promotores de resiliência, factores de risco e de protecção. *Estudos de Psicologia*, 25 (3), 405–416.

Lago, A., Massa, J.L., & Piedra, R. (2006). Crianças contra crianças: o bullying, uma perturbação emergente. *Revista na Pediatria*, 64 (2), 101–104.

Mascarenhas, S. (2006). Gestão do bullying e da indisciplina e qualidade do bem – estar psicossocial de docentes e discentes do Brasil (Rondônia). *Psicologia, saúde & doenças*, 7 (1), 95–107.

Martins, M. (2005). Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: um estudo empírico. *Análise psicológica*, 4 (23), 401–425.

Neto, A. (2005). Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Revista de pediatria*, 81, S164–S172.

Nascimento, M.L.B.P. & Neto, J.C.S. (2006). *Infância: Violência, Instituições e Políticas públicas*. São Paulo: Expressão e Arte Editora.

Almeida, A. & Paias, T. (s.d.). *Esteja atento ao Bullying escolar*. [On – line]. Available: <http://www.Psicronos.pt/artigos/bullyngescolar.html>. (16 Nov. 2008).

Pereira, B.O. (2005). *Recreios escolares e prevenção da violência: dos espaços às actividades*. Braga: Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho.

Rebelo, S.L. (s.d.). *Bullying: uma realidade cruel no contexto escolar*. [On - line]. Available: <http://www.profala.com/arteducesp120.htm>. (12 out.2008).

Rodriquez, N.E. (2007). *Bullying: Guerra nas escolas*. Lisboa: Sinais de Fogo.

Damke, A.S. & Santos, C.O. (2007). *A concepção de bullying nas escolas*. Comunicação apresentada no I Congresso de Educação UNIPAN, Cascavel.

Santos, E.S. (2007). *O bullying em uma escola filantrópica: As crianças contam suas histórias*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade Federal Fluminense, Niterói.

Alves, M.G., Campos, J. & Sebastião, J. (2003). Violência na escola: das políticas aos quotidianos. *Sociologia, problemas e práticas*, 41, 37–62.

Seixas, R.S. (2005). Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e /ou vítimas. *Análise Psicológica*, 2 (23), 97–110.

Silva, T.N. (2006). *Bullying só quem vive sabe traduzir*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.